

## A INFORMAÇÃO DE E SOBRE ÁFRICA: LINGUAGEM/IDEOLOGIA COLONIAL\*

Isabel Maria Ferin Cunha  
Escola de Comunicações e Artes da USP

Nesta breve comunicação pretendemos apenas alertar para uma questão até hoje bastante esquecida mas fundamental para todo o cientista social que trabalha com África: a transferência da informação de/e sobre África, sua anuance de linguagem/ideologia. Primeiramente, convém historiar quem escrever sobre África, com que interesse, financiamentos e fins. Depois, quem armazena essa informação, distribui e dissemina, por quais meios e quais os consumidores. Finalmente, como é trabalhada essa informação, que tipo de ideologia/linguagem emprega no controle de vocabulário e como ela, informação, se vincula aos seus produtos ocidentais. Para terminar, apresentam-se como propostas algumas linhas de ação com vista a desvincular a informação de/e sobre África dos seus produtores ocidentais.

Fazer um histórico de quem escreve sobre África é se remontar à antiguidade, a autores como Heródoto e Estrabão e às referências de viajantes árabes e europeus. Depois, um salto no tempo ... e a África Negra, civilização de tradição oral, passa a ser conhecida enquanto cultura e história através dos relatórios dos administradores das colônias, dos antropólogos e sociólogos europeus a serviço das metrópoles.

De um momento de perplexidade perante "O desconhecido", o "Outro", passa-se para uma situação em que o importante é conhecer esse "Outro" para poder integrá-lo na civilização ocidental, não já como "cristão" e "escravo" de colônias americanas açucareiras, mas como "indígena", "assimilado", possuidor de uma "carta de matrícula" ou ainda, se "auto-

\* Comunicação apresentada na Mesa-Redonda sobre "Cultura Africana" no primeiro Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos promovidos pela ALADAAB, realizado na USP em novembro de 1984.

governando" dentro de padrões previamente estipulados para a "sua tribo". Isto com o fim específico de contribuir para a acumulação capitalista das metrópoles, abastecer as indústrias carentes de matérias-primas, servir de mercado privilegiado para a aplicação de capitais financeiros.

Escrevendo sobre África, os administradores, os antropólogos e sociólogos, contribuíram para "abrir" o continente à "civilização universal", integraram-no nos esquemas de produção, exploração e consumo mundiais, independente das visões evolucionistas, funcionalistas, culturalistas ou marxistas. Foram, também, agentes privilegiados da colonização ocidental quer recebendo financiamentos de institutos de pesquisa (como a Royal Geographical Society of London, a Société Royal Belge d'Etudes Geographiques ou a Sociedade de Geografia de Lisboa); quer de ministérios e agências de coloniza o governamentais e particulares (Ministério das Col nias, British South Africa Company); ou ainda de congrega es missionárias defensoras dos "selvagens pag es primitivos" (Missões Coloniais Ultramarinas, Padres de Cernache do Bonjardim).

  medida que essa informa o   produzida,   armazenada, em grandes intui es das metrópoles coloniais, onde se fundam centros de pesquisa e documenta o especialmente preparados para a recolha, armazenagem e dissemina o. Como exemplo destes centros temos, nomeadamente, o Centre d'Analyse et de Recherche Documentaire pour l'Afrique Noire (Paris), o Musée Royal de l'Afrique Central (Tervuren, Bélgica), a Junta de Investiga es Coloniais depois do Ultramar, em Lisboa, a School of Oriental and African Studies, em Londres, ou ainda em África, mas sob controle (disfarçado) europeu, quer direto, quer cultural, institui es como o Institut Français d'Afrique Noire.

Estas institui es reúnem não são a maior massa de informa es mas também o maior corpo de especialistas, sendo financiadas pelos respectivos governos. Os seus trabalhos, isto  , as formas de disseminar a informa o, resultam num produto-informa o apresentado sob a forma de bibliografia, boletins analíticos, resumos de teses e trabalhos, publicados em revistas, e textos de maior porte, publicados por grandes casas editoras, possuidoras de ramificadas redes de distribui o e de "marketing", como   o caso da Payot ou da PUF, na França, ou a Mensell de Londres e a Zell de Oxford, ou ainda a Mass G. K. Hall de Boston.

Como consumidores, essa informa o possui um leque restrito de pesquisadores e estudiosos europeus, leitores de língua inglesa e francesa, conhecedores e detentores de poder aquisitivo, quer pessoal, quer através das institui es para quem trabalham. Quanto   África e aos africanos, fornecedores dessa informa o, ficam relegados "  periferia do conhecimento", com exce o de intelectuais detentores de instrumentais ocidentais.

Como   trabalhada essa informa o, que tipo de ideologia/linguagem se emprega na sua dissemina o, nos índices, nos vocabulários controlados, etc. ?

Tomemos como exemplo a linguagem/ideologia na documenta o antropológica. O levantamento de palavras significativas na literatura, dar-nos-ia uma listagem do seguinte tipo, em fun o das correntes antropológicas em voga em determinados períodos históricos:

"bom selvagem" /	"homem civilizado"
"primitivo" /	"civilizado"
"Barbarie" /	"Civiliza�o"
"mundo selvagem" /	"mundo cristão"
"povos primitivos" /	"povos civilizados"
"est�dio ultrapassado" /	"civiliza�o avançada"
"revolta dos escravos" /	"�nsia pela liberdade"
"estado de miséria" /	"missão", "evangeliza�o"
"não evoluídos" /	"evoluídos"
"atraso" /	"superioridade"
"estatismo" /	"dinâmica"
"tradi�o" /	"modernidade"
"continu�simo" /	"mudança", "Sincretismo"

Estes bin mios portadores de uma certa linguagem/ideológica colonial histórico/antropológica colonial, datada no tempo e no espaço, refletem-se diretamente em catálogos, fichários, tabelas, códigos e tesouros bibliotecon micos, que utilizam, por sua vez, expressões como: povos primitivos, tradi o/modernidade, sincretismo religioso, etc, etc. Esta utiliza o   um reflexo imediato e detectável. Reflexos mais sutis são a ignorância e os preconceitos em rela o às culturas africanas, na medida em que todas essas linguagens estruturadas em biblioteconomia prevêem obrigatoriamente classes hierarquizadas, sendo que para o caso África, as questões como língua, literatura, história, geografia, política, religião, filosofia, cultura, não se encontram previstas, mas sim relegadas para hipóteses secundárias a serem construídas sob a domina o de "outras (os)..."

Para quem utiliza esta informa o, a consequência imediata   a deturpa o e o erro, tornando-se difícil a busca e localiza o do que interessa ao utilizador. Por exemplo, a informa o sobre um ritual de inicia o africano pode estar em folclore africano ou em "feiticeira".

Ex: Na CDU (Classifica o Decimal Universal), os ritos aparecem integrados em 392 USOS E COSTUMES NA VIDA PRIVADA, que por sua vez se encontram includos em 39 ETNOLOGIA. FOLCLORE. USOS E COSTUMES. VIDA SOCIAL;

Um outro tipo de exemplo de "linguagem viciada" na realiza o das tabelas, pode ser retirado da Lista de Cabe lhos da Biblioteca do Congresso (LC), onde no desenvolvimento do cabe lho Angola, aparece somente referência:   história do Reino do Congo; a um período designado por Revolu o, seguindo-se a presença Cubana em Angola. O que demonstra

que a tabela, ao ser utilizada fora dos Estados Unidos, está passando os interesses e preocupações deste país na transmissão da informação em outros.

Estes exemplos não são de forma nenhuma particulares e podem ser detetados em instituições como o Musée Royal de l'Afrique Centrale (Bélgica) ou no Centre d'Etudes Africaines (CEA/CARDAN, em Paris) que utilizam instrumentos biblioteconômicos convencionais.

No entanto, numa pesquisa realizada nos anos de 1983/84 foi-nos dado observar que existiam, nas ex-metrópoles coloniais, nomeadamente na França, Bélgica, Portugal e Itália, alguns centros possuidores de documentação sobre África, preocupados em desvincular a disseminação da informação por eles realizada, da linguagem/ideologia colonial. Esses centros tinham toda autonomia em relação aos governos dos seus países, eram financiados por instituições particulares, nomeadamente o Conselho Mundial das Igrejas e mantinham relações de cooperação com a África no sentido de apoiar a luta contra o neocolonialismo e as independências "socialistas".

Na mesma pesquisa, em dados obtidos sobre a África de Língua Oficial Francesa, constatamos que tal problemática não estava em discussão, sendo que, por vezes, teriam sido realizadas adaptações de instrumentos convencionais de biblioteconomia com a justificativa de que teriam deficiências em classes/assuntos necessárias ao país africano em questão.

De outros países africanos, apenas de São Tomé e Príncipe, onde trabalhamos e de Angola e Moçambique de onde recebemos alguma documentação, nos é possível afirmar a existência de preocupações neste sentido, visto que já são visíveis os esforços para minimizar o peso e a influência da linguagem/ideologia colonial na transferência da informação sobre a África.

Sendo esta a situação, como resolvê-la ou pelo menos atenuá-la?

Primeiramente, e como requisito prévio, os africanos terão de se apoderar e "tomar posse da sua História". Isto é, independentemente do instrumental ocidental utilizado, os africanos terão de recolher a sua informação espalhada em arquivos, centros de documentação e pesquisa do mundo ocidental. Para o conseguir, será provavelmente necessário negociar com as ex-metrópoles, fazer convênios, micro-filmagens, etc, etc.

Simultaneamente, os países africanos ver-se-ão obrigados a desenvolver mecanismos de editoração e divulgação das suas informações e para isso terão de criar instituições nacionais próprias como é o caso dos Institutos Nacionais do Livro e do Disco e Associações de Escritores nos países de Língua Oficial Portuguesa, ou ainda apoiar instituições do tipo da "East African Publishing House" de Nairobi no espaço da Língua Oficial Inglesa e da Revista "Présence Africaine" atuante no espaço de Língua Oficial Francesa.

Tendo em mãos sua informação, far-se-á necessário o seu tratamento para o qual apenas encontrarão instrumentais ocidentais! Será então, a vez de criar outros que satisfaçam, por um lado as necessidades de disseminação

da informação dos países africanos e por outro as exigências do mundo moderno de comunicação universal.

Para isto, tornar-se-á importante a articulação das instituições que reúnem e produzem documentação sobre África, no sentido de formarem equipes de bibliotecários/documentalistas e especialistas em ciências sociais, que estudem e elaborem propostas para a formação de uma linguagem estruturada comum (nesta fase, talvez fosse de interesse o trabalho por áreas de Língua Oficial, que correspondem a "grosso modo" a um colonizador comum. Ao estruturar-se essa linguagem, ter-se-ia em conta questões básicas como: os princípios gerais de construção de uma linguagem estruturada; as áreas culturais e os espaços geográficos; o estudo linguístico de palavras e conceitos; os termos/conceitos e a sua utilização histórica; assim como a uniformização da terminologia especializada.

**Resumindo:** somente possuindo a sua informação, tendo canais organizados de editoração e divulgação e estruturando a linguagem de disseminação dessa informação, a África poderá acabar com a sua dependência de informação em relação ao Ocidente colonizador. Dependência que se acentuará na medida em que esta informação passar do manual ao mecânico, através da automação.

Com esta proposta, talvez utópicas (perante as tarefas básicas de tantos países africanos no domínio da economia, alimentação, saúde, educação), talvez pretenciosas (mais um ocidental "iluminado" dando "palpites" para africanos "no escuro") pretendemos, apenas, deixar registrado o cansaço de ver levantados, sempre e em todas as comunicações e trabalhos, os problemas sem qualquer proposta de possíveis soluções. Como tal nos atrevemos a enunciar algumas sugestões decorrentes da nossa pesquisa e dos nossos levantamentos, talvez utilizáveis ou não por quem de direito...

#### Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, P. Langues africaines et terminologie politique. *L'Afrique et l'Asie*, 56: 43-48, 1961.
- BRUNSCHWIG, Henri. Colonisation-Decolonisation: essai sur le vocabulaire usuel de la politique coloniel. *Cahiers d'Etudes Africaines*, 1: 44-45, jan. 1960.
- CUNHA, Isabel Maria Ferin. "Descolonizar" uma linguagem: a documentação africanista. São Paulo, 1983. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes, USP.
- GONÇALVES, José Júlio. *Política de informação: ensaios*. Lisboa, J. I. U., 1963 (Estudos Ciências Políticas e Sociais, 61).
- LECLERC, Gérard. *Crítica da antropologia: ensaio acerca da história do africanismo*. Lisboa, Ed. Estampa, 1973.
- POLITQUES ET SYSTEMES D'INFORMATIONS SCIENTIFIQUE: La Revue de LAUPELEF, Quebec, 16(1): 213, jun. 1978.
- SCHWARZ, Alf. *Colonialiste, africanistes et africains*. Laval, Nouvelle Optique, 1979.